

TIPO DE
VEICULO: Colunas
VEÍCULO: Armarinhos e
COLUNISTA: Armaçens fe-
PÁG. cham as portas
DATA: 01 101 1/1976

ARMARINHOS E ARMAZENS FECHAM AS PORTAS: A FALÊNCIA DO CALOR HUMANO

por Paulo Coelho

Durante trinta anos "seu" Marcello trabalhou como empregado do Armarinho Lita, até que em 1970 conseguiu compra-lo, e colocar finalmente na fachada o nome de "Armarinho Marcello". Agora, apenas seis anos depois de haver adquirido a loja - que fica na rua Marques de São Vicente - "seu" Marcello vai ter que fechar as portas. Dois supermercados e um moderníssimo shopping-center modificaram totalmente o panorama econômico das redondezas, e "seu" Marcello perdeu a maior parte de seus fregueses. "Permaneceram apenas umas poucas senhoras" - explica "seu" Marcello - " que continuam comprando aqui mais por uma questão de nostalgia que por uma questão de prática. E nostalgia só consegue encher mesmo a barriga dos cantores. Pra gente significa falência."

Desta forma, pouco a pouco o comércio de pequenos artigos domésticos entra em fase de completa extinção, dando lugar ao gênero de consumo que conseguiu afirmar-se na economia da dona-de-casa: os supermercados. No ano passado, só no Rio de Janeiro, foram registradas 178 falências de armarinhos, armazens e pequenos estabelecimentos de artigos de primeira necessidade.

Os Armarinhos

"Seu" Marcello tem 69 anos e praticamente conhece todas as freguesas de seu estabelecimento. "Durante os 30 anos que trabalhei aqui como empregado, pude ver esta casa atingir seu auge, e pude também ver ela morrendo aos poucos. Chegou uma época em que os produtos de armarinho não eram suficientes para manter a loja; eu já era dono, e resolvi então tentar o comércio de guarda-chuvas. Mas parece que o carioca gosta de chuva, porque a coisa não foi bem. Resolvemos então vender uniformes de empregada; os supermercados parece que tiveram a idéia junto, porque passaram também a vender, e ninguém quis saber de nossa mercadoria ."

Uma freguesa entra e logo começa a conversar animadamente com "seu" Marcello. O assunto é o encerramento da loja. O prédio será demolido e "seu" Marcello pretende vender o terreno e viver deste dinheiro. "Não dá pra mudar de ramo, depois que a gente passou tanto tempo fazendo a mesma coisa." Chama um rapaz para atender a freguesa, uma costureira. "Sempre empregamos rapazes. Sobem em escada com mais facilidade." A maior parte das freguesas são costureiras, que não encontram em outros locais os artigos vendidos em armarinhos. "Mas só com costureiras não dá para manter nossa freguesia", explica "seu" Marcello, enquanto pega ilhoses e agulhas para fornecer à cliente.

No armazinho Licinha, em Ipanema, o clima não é muito diferente. D. Tereza, dona do estabelecimento, está a 26 anos no ramo e agora pensa em desistir. "Nós herdamos esta casa de nossos bisavós. Praticamente três gerações passaram por este armazinho. Só por isso que não desisto, por uma tradição de família."

D. Tereza diz que, além da falta de fregueses, o material humano que dispõe é muito ruim, e o fornecimento de mercadorias está cada vez mais difícil. "Muitas balconistas não sabem que meio metro é igual a 50 centímetros. Além disto, o lucro é lento, uma partida de mercadorias comprada hoje só vai render depois de dois anos, quando a inflação já consumiu quase tudo que empatamos. Num armazinho é preciso ter grande variedade de mercadorias à mostra; mas geralmente são mercadorias que não ultrapassam Cr\$2,00 por unidade, e que são vendidas muito aos pouquinhos." Com os supermercados fazendo grandes encomendas, geralmente os armazinhos são deixados de lado e uma partida de botões pode demorar até três meses para chegar. "Além disto" - explica D. Tereza - "os supermercados, comprando muito, tem possibilidade de vender mais barato, o que não acontece com a gente."

D. Tereza explica que armazinho precisa de espaço, e o espaço na Zona Sul está cada vez mais caro, tornando o negócio anti-econômico. "As quedas das vendas são grandes, e eu vou aguentar o máximo possível. Quando não for mais possível aguentar, eu vendo tudo e mudo de ramo."

Os Armazens

Não são apenas os armarinhos que tem sofrido com a concorrência dos supermercados. Os mais prejudicados são os armazens, que antigamente vendiam todos os gêneros de primeira necessidade e agora estão sendo obrigados a fechar suas portas. Alguns deles, como o armazém de "seu" Antonio, na rua Voluntários da Pátria, passaram a vender outro tipo de mercadoria: ferragens, artigos de perfumaria e bijouteria em geral.

"Eu comecei este armazem a vinte anos atrás, com meu irmão, quando haviam somente casas em Botafogo. Mas agora o pessoal só passa por aqui quando se esqueceu de comprar alguma coisa no supermercado ali de baixo. Aqui as freguesas podem sentir o material que vendemos; podem enfiar a mão no arroz, no feijão, e ver a qualidade, e sentir um pouco da lavoura na pele. Mas ninguém mais se interessa por isto."

"Seu" Antonio ficou amigo de quase todos os fregueses, e sentiu muito quando estes começaram a desaparecer. "Eu me lembro em 1966, quando veio aquela enchente que destrui meu armazem; os vizinhos se reuniram, me emprestaram dinheiro para pagar o prejuízo, e depois eu fui devolvendo o dinheiro emprestado pouco a pouco, com mercadorias. Hoje em dia não acontece mais isto. " Ele diz que está cansado e ansioso para fechar o armazem. Tem dois filhos que nunca entraram em sua loja, " e se formaram numa destas faculdades que ensinam tudo e ninguém aprende nada". O que sustenta atual-
XXXXXXXXXX

5

mente o armazém , explica "seu" Antonio, é a venda de refrigerantes.

Manoel Pereira de Assunção, 58 anos de idade e desde sete anos trabalhando no Armazém Sol recorda com um ar de tristeza os velhos tempos, quando a casa era de seu pai. "Um dia meu pai me chamou para fazer a primeira entrega e me disse: ' olha, meu filho, eu devia te pedir para não conversar com os fregueses porque eles podem ficar íntimos e quererem fiado, mas eu não posso te pedir isto, porque seria violar uma lei da vida, a lei da comunicação entre os homens."

" A gente tinha sempre aquela placa de 'Fiado só Amanhã' em cima do balcão , mas ninguém nunca deu muita importância para ela", recorda Manoel Pereira. "As pessoas da vizinhança tinham um caderninho onde anotavam as compras, e no fim do mes a gente ia cobrar. O supermercado está acabando com a coisa mais importante da civilização: o contacto humano". O escritor Vitor Giudi, um dos poucos fregueses remanescentes de Manoel Pereira, lembra que no Natal o "seu" Lúcio, pai de Manoel, costumava mandar um saco com um quilo de nozes a cada um dos seus fregueses. "O armazem transcendia sua função de comércio", fala Vitor. "Era um ponto de encontro, um local onde as vizinhas faziam amizade, um centro de fofocas, um espalhador de boatos, um microcosmo do bairro, onde as pessoas se aproximavam e se conheciam!"

A venda de cereais dá cada vez menos lucro, já que os supermercados conseguem concorrerem com compras

6

maçisas e preços mais baixos. "Lá o pessoal compra principalmente o que não está precisando" afirma Manoel Pereira, dizendo que sua intenção é fechar o armazém assim que envelhecer mais um pouco.

Só dois tipos de varejistas especializados em alimentação conseguiram sobreviver ao monopólio dos supermercados: o açougue e a padaria. "Nós temos medo da carne do supermercado, pintada com aquela tinta vermelha, que dá sempre a sensação de estar a muito tempo nas prateleiras", explica uma dona de casa. Recentemente um grupo de químicos descobriu que os produtos químicos utilizados como corante da carne são capazes de causar câncer no sistema digestivo.

Também as padarias conseguiram concorrer com os supermercados, uma vez que o "pão fresco" ainda predomina sobre as diversas qualidades de pão homogeneizado que predominam nas prateleiras. Mas até este ramo pode vir a ser absorvido: recentemente uma cadeia de supermercados abriu uma padaria em cada loja, que fornece o pão feito na hora. Luis Peres, dono da padaria Flora, em Copacabana, duvida porém que seu ramo venha ser extinto: "Mesmo que todos os supermercados viessem a abrir padarias, nós ainda temos um trunfo: nós abrimos sempre mais cedo, antes do café

7

da manhã, e os supermercados não podem fazer isto pois seria anticomercial remexer em toda uma estrutura só para vender pão."

Nas grandes cidades dos Estados Unidos e da Europa não existem mais armazéns ou armarinhos. No Rio de Janeiro, principalmente na Zona Sul, a tendência deste tipo de comércio é desaparecer aos poucos. Uma freguesa de armazem, ao saber disto, declarou: "É uma pena. Porque hoje em dia uma compra é apenas uma compra. E antigamente uma compra era uma experiência de vida."